

## MOVIMENTOS DE MODIFICAR-SE: BREVE REFLEXÃO SOBRE A RECENTE PRODUÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA A PARTIR DO PRÊMIO PIPA

Azemar Soares dos Santos Júnior\*

Sanzia Pinheiro Barbosa\*\*

Esse texto é resultado de um mapeamento, no site do Prêmio Pipa, acerca das investigações e questões abordadas na recente produção da Arte Contemporânea brasileira, dos últimos 4 anos (2019, 2020, 2021 e 2022). O mapeamento teve como objetivo identificar os artistas que materializam em suas produções e processos criativos e principalmente em seus discursos, a arte como cura. Para tanto, fizemos um percurso para entender o Prêmio Pipa e seu modo de organização. Não nos interessa aqui um aprofundamento na malha da instituição, mas nosso esforço foi compreender a dinâmica do prêmio, uma vez que seria a plataforma de escolha de nossas fontes. Levantamos também algumas questões percebidas na efetivação de seus objetivos, identificando a semelhança entre o Prêmio Pipa e o Turner Prize, citamos algumas questões apontada na produção poética dos/das artistas indicados/as dentro do nosso recorte temporal para em seguida apresentar de forma bastante breve as 4 artistas eleitas para uma posterior investigação de suas poéticas.

Neste sentido, tomamos alguns recortes de falas das artistas que trazem em seus discursos a palavra cura. Concluimos ressaltando as formas de existências vividas pelas artistas suas poéticas, como resultado de suas experiências que as atravessa por meio de um cuidado de si, formulando uma estética da existência que possibilita perceber a verdade de si.

### O Prêmio Pipa

---

\* Pós-doutorado em História pela UFCG. Atualmente é Professor Adjunto do Departamento de Práticas Educacionais e Currículo, na área de Didática e Ensino de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DPEC/UFRN). É professor credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGED/UFRN) e no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH/UFCG). Membro da Rede Internacional de Pesquisa em História e Culturas no Mundo Contemporâneo. Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte (IHGRN).

\*\* Mestre em Ciências Sociais e doutoranda em educação (UFRN).

O Prêmio Pipa é um dos principais prêmios do país, que em sua 13ª edição contabilizou 815 artistas em seu site. São brasileiros e brasileiras residentes no país ou no exterior. O prêmio, desde seu aparecimento em 2009, se articulou em torno dos artistas emergentes com relativa legitimação no sistema de arte. Fundado, pelo casal Lúcrecia Vinhaes, arquiteta, curadora e produtora e Roberto Vinhaes investidor e fundador da gestora IP Capital Partners (Investidor Profissional), primeira gestora independente de recursos do Brasil e Nextep Investimentos (ex-Pipa Global Investments). O casal criou o Instituto Pipa, para ser o gestor do Prêmio Pipa.

O Instituto Pipa tem como objetivo apoiar e desenvolver a Arte Contemporânea brasileira. Sem fins lucrativos e sem recorrer às leis de incentivo fiscal. Desde o início, os criadores optaram por uma existência online, através de um site e firmaram uma parceria com o Museu de Arte Moderna\_MAM do Rio de Janeiro através de seu diretor, na época, Luiz Camillo Osorio. Ao longo de sua existência o prêmio tem se transformado, mas mantém sua estrutura primeira, que é uma premiação através da votação popular e online e outra premiação através de uma comissão de especialistas.

O objetivo de divulgar e incentivar jovens artistas se mostra mais no caráter legitimador do prêmio no circuito brasileiro do que nos valores doados aos artistas vencedores nas duas categorias, que, hoje, são bastante irrisórias. Até 2018 o vencedor recebia um valor de mais de R\$100 mil reais que deveria empregar em uma residência artística.

Ao longo de seus 13 (treze) anos de existência, tanto o site como os catálogos tornaram-se uma plataforma de pesquisa importante nacional e internacionalmente. Encontramos no site biografia e imagens dos trabalhos dos 815 artistas. A parceria com o MAM-RJ de 2010 a 2018 foi uma troca na qual o Instituto Pipa encontrava espaço para realizar sua exposição anual com os finalistas e cada artista doava uma obra para o acervo do MAM ou para o Instituto Pipa. Roberto Vinhaes diz em texto do catálogo comemorativo dos 10 (dez) anos do prêmio que havia uma intenção de contribuir com o MAM. “Colaborar com a reconstrução do acervo do MAM Rio em paralelo com a construção de um acervo próprio, que representa o trabalho e documenta a trajetória de artistas em ascensão na arte contemporânea brasileira a partir de 2010.” (VINHAES, 2019. pg. 21). Mas podemos perceber que o Instituto Pipa, propriedade do Casal Vinhaes, constituiu, ao longo dos anos em que a doação era incentivada, um acervo bastante significativo. Haja vista que aqueles artistas premiados, naquele

momento, apesar de sua trajetória recente, são artistas que o mercado já abraçou ou já estiveram em importantes instituições legitimadoras da produção artística brasileira.

Antes de falarmos nos processos da premiação, gostaríamos de comentar a semelhança entre o Prêmio Pipa e o Prêmio Turner promovido pelo governo da Inglaterra, país que o casal Vinhaes escolheu como residência entre 2006 e 2008.

Sarah Thornton (2010) no Livro *Sete dias no mundo da arte: Bastidores, tramas, e intrigas de um mercado milionário*, realiza um percurso em espaços que compõe o sistema de arte, o livro é uma espécie de diário da vivência de uma semana em cada espaço que é considerado pela autora, chave para a manutenção do sistema da arte contemporânea são eles: O leilão, a crítica, a feira, o prêmio, a revista, o atelier, a bienal. A autora acredita que os personagens do mundo da arte desempenham seus papéis em um desses espaços, que constituem “uma rede frouxa de subculturas que se superpõe, mantida, unida por uma crença na arte” (THORNTON, 2010, pg. 13). O espaço do Prêmio é o Turner Prize, um dos mais conhecidos no mundo. Organizado pela Tate Gallery, ou seja, pelo museu nacional de arte moderna do Reino Unido sediado em Londres. Constituído por 4 galerias: Tate Britain (desde 1897), Tate Liverpool (desde 1988), Tate St Ives (1993) e a Tate Modern (desde 2000). Esses espaços, segundo a autora, mobilizam mais de 4 (quatro) milhões de visitantes por ano. O Turner Prize foi criado em 1984, e é concedido a um artista britânico por uma exposição apresentada nos últimos doze meses. Não há inscrição, é lançada uma lista de 4 (quatro) nomes indicados, que participam de uma exposição coletiva e na abertura o vencedor é anunciado por uma celebridade. A autora acompanhou a edição de 2006, entrevistando artistas indicados, coordenador geral e membros da comissão de seleção. São várias as coincidências entre a estrutura do Turner e o Pipa dentre eles a premiação, o fato de não haver inscrições, mas indicações, e o modo como o processo de premiação é conduzido.

O Prêmio Pipa acontece em 3 (três) etapas: primeiro um comitê de indicação constituído por profissionais que atuam em todo território nacional composto entre 20 a 40 pessoas que indicam até 3 (três) nomes. Esses artistas são contactados pela equipe do instituto e recebem uma série de orientações e solicitações de envio de imagens, biografia, gravação de um vídeo etc. Sendo que a indicação só será consolidada, quando o artista enviar em tempo hábil, o solicitado pelo instituto. Portanto, a indicação é consolidada através da habilidade do artista em responder a solicitação da instituição. Em cada edição são indicados em torno de 60/65 artistas. Os artistas indicados, em sua maioria, são artistas pertencentes a regiões que têm um circuito

mínimo. Estados como o Rio Grande do Norte, teve apenas 2 (dois) artistas indicados durante esses 13 (treze) anos de existência do prêmio. O artista Marcelo Gandhi que mora em São Paulo a mais de 10 (dez) anos indicado em 2020 e o outro foi a artista Jota Mombaça, nascido aqui e residente fora do Brasil, saiu do RN, depois que concluiu o mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Quando indicado em 2018, Mombaça não aceitou, em virtude de que no ano anterior a artista Michelle Mattiuzzi, que estava disparada na votação online, na virada da noite, do último dia de votação, foi ultrapassada por um outro artista. Houve um protesto nacional. A coordenação do Instituto Pipa veio a público e informou que isso era comum, essa virada repentina já havia acontecido nos anos anteriores. No entanto, a artista Jota Mombaça com atuação internacional, postou em seu perfil no instagram a não aceitação da indicação e os motivos pelos quais rejeitava participar do prêmio. Michelle Mattiuzzi e Jota Mombaça têm desenvolvido alguns projetos em conjunto como o que foi exibido na Bienal de São Paulo em 2020 com o título “Feitiço para ser invisível”. Elas estão no conjunto das artistas que têm em suas poéticas as questões de gênero, racialidade e dissidências sexuais.

Uma vez que o artista envia toda a solicitação feita pelo Instituto Pipa, dentro do prazo estipulado. É criada para cada artista, uma página específica como falamos acima, com imagens de trabalhos, um vídeo em torno de 3 minutos, biografia e links. Essas páginas são atualizadas sempre que o artista envia material, não importa o ano que foi indicado, ou seja, a página no site do prêmio é para sempre. A partir daí segue para a segunda fase, que é uma votação online, que consiste em votação popular no site do instituto. Os artistas que recebem mais de 500 votos, são considerados finalistas e vão para a etapa seguinte e o que obteve o maior número de votos é considerado vencedor tendo direito a uma premiação que em 2022 foi de R\$10.000 (dez mil reais). Para ter seu voto consolidado nessa etapa, a pessoa deve votar necessariamente em 3(três) artistas e nesse momento, geralmente o que vale é a capacidade dos artistas em mobilizar um público disposto a votar nele, promovem, assim, uma divulgação do site e do Prêmio Pipa em sua luta para conquistar 500 votos.

A terceira e última etapa é constituída por um comitê de especialista de notório saber, para indicar o vencedor ou vencedora. Geralmente no anúncio dos vencedores é apresentado também os nomes da comissão. Em algumas edições os nomes dos especialistas estão estampados em uma página, em outras não foi possível encontrar. A partir de 2021, o número de vencedores é ampliado para 4 (quatro) que recebem um valor de R\$20.000 (vinte mil reais).

Além da premiação é realizada uma exposição com todos os finalistas. Durante mais de 10 (dez) anos, a exposição aconteceu no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e a última edição (2022) foi realizada no Paço Imperial, também no Rio de Janeiro.

No catálogo, além de imagens de indicados, é possível encontrar uma estatística daquele ano referente às regiões de nascimento, região de residência, gênero, etnia, faixa etária, quem é representado por galerias de arte e quantas vezes participou do prêmio. O Prêmio Pipa se transforma em uma plataforma, que segundo Luiz Camillo Osorio

*busca qualificar sua atitude em premiar artistas através de um site bilíngue desejoso de ser uma plataforma de pesquisa para os interessados, a publicação de um catálogo anual, os pequenos vídeos com os artistas indicados, a exposição, doação de uma obra ao acervo do museu e a vinculação do prêmio principal a uma residência internacional, (inicialmente na Gasworks, de Londres, e depois com a Residency Unlimited, de Nova York). (OSORIO, 2019, pg. 47 )*

O prêmio da residência artística existiu até 2018. E o valor de mais de R\$100.000 (cem mil reais) foi transformado em 4 (quatro) prêmios no valor de R\$ 20.000 (vinte mil reais) pagos em 2 (duas) etapas. A coleção do prêmio Pipa é exibida ao público através do site, de exposições esporádicas e do empréstimo de obras para outras instituições e exposições. O prêmio Pipa é uma plataforma de consulta desde os professores do Ensino Fundamental para elaboração de suas aulas, até pesquisadores estrangeiros em busca de conhecer o circuito brasileiro. questionamos o fato de um prêmio que se pretende nacional, não chega, não arrisca em regiões fora do circuito sul/sudeste. Talvez se o prêmio procurasse ocupar um espaço na mídia nacional, ganhasse mais força e realmente prestasse um serviço a Arte Contemporânea brasileira, para além do mundo restrito e fechado das artes.

#### **As artistas**

O recorte temporal da investigação, os 4 (quatro) anos (2019, 2020,2021,2022) resultou em um total de 254 artistas. Depois de assistirmos todos os vídeos, passear pelas imagens disponibilizadas, navegar em links e sites e ler com cuidado os textos que estavam acima dos vídeos. Percebemos que nos textos não há um padrão, como é possível identificar nos vídeos de 3 a 4 minutos, nos quais os artistas respondem às mesmas perguntas. Os textos são às vezes um simples currículo, outras uma escrita sobre o processo criativo do artista e alguns poucos não tem texto. No processo de escuta dos vídeos fomos elegendo palavras como cura, escrita de si, subjetivação, proteção dos corpos e saúde. No entanto escolhemos eleger, para a escrita desse texto, apenas as artistas que enunciam a palavra cura. O que resultou em 4 artistas:

Castiel Vitorino Brasileiro(ES), Hariel Reviegniet (GO), Luana Vitra( MG) e Ruth Albernaz (MT). Interessante notar que, apesar da maioria dos artistas serem homens, são 3 mulheres e uma travesti que enunciam a palavra cura.

Castiel Brasileiro é uma artista que desenvolve uma poética bastante complexa pois apesar de discutir questões presentes nas poéticas de jovens artistas como racialidade, dissidências sexuais, gênero, feminismo, políticas identitárias e de subjetivação. a artista tem uma abordagem bem diferente do que se tem visto. Em sua dissertação, que foi transformada em livro e lançado pela editora n-1 sob o título "Quando o sol não mais brilhar: a falência da negritude" na coleção Lampejos. Castiel mergulha em sua ontologia Bantu, nas macumbarias, estuda e constrói espiritualidade e ancestralidade interespecífica e assume a cura como um momento precíval de liberdade. No entanto, em entrevista à revista Arte e Ensaio, diz ter deixado de usar a palavra cura "até porque para mim houve um esvaziamento dessa palavra e também porque eu quis entender não a palavra, mas a experiência". (BRASILEIRO, 2022, pg.24). Talvez a proposta da artista estava em despertar processos íntimos e comunitários de cura.

Psicóloga, travesti, negra, escritora, pesquisadora inquieta. O cuidado de si em sua prática artística é o gerador de uma poética e discurso singular. Essa artista vive a interrogação e a transmutação como um desígnio inevitável. Dribla, incorpora e mergulha em sua ontologia Bantu. Estuda e constrói espiritualidade e ancestralidade interespecífica, a partir de suas vivências na macumbaria. Hélio Menezes diz que a ideia de cura de Castiel é original e abrangente

*Por meio de diferentes linguagens e formas com que dá corpo a boa parte de suas criações, Castiel desenvolve e aplica uma elaboração abrangente e original da ideia de cura. Pois subsiste a consecução de suas obras um propósito manifesto de estimular estados corporais, agir energeticamente sobre aquelas que se relacionam com elas, pondo em prática uma noção integrativa de saúde que ignora oposições inférteis como corpo x mente, espírito x matéria, biótico x abiótico. (MENEZES, 2021, pg. 29)*

Hariel Reviegniet, graduada em Arquitetura e Urbanismo pela UFG. afirma que suas pesquisas são autobiogeográficas e se manifestam por intersecções entre o social, o ancestral e o espiritual. Busca construir imagens, ativar memórias possíveis, demarcar no inconsciente coletivo territórios originários, esfumalar fronteiras e queimar ervas para curar as feridas coloniais. Seus trabalhos manifestam intersecções sociais a partir do feminismo negro com o foco decolonial afrodiásporico e ameríndio. No texto disponível no site do Prêmio Pipa a artista diz que, em seu trabalho de conclusão de curso, criou a palavra *Axétetura*, onde faz "um

deslocamento das imposições epistêmicas eurocêntricas-modernas-capitalistas buscando minhas referências de espaço, território, lugar, cultura, conhecimento e formas de saber a partir da cosmovisão afrocentrada e da Encantaria Indígena”.(RAVIGNET, 2021). Tanto na poética de Castiel quanto na de Hariel, há uma preocupação com as palavras. Reelaborar novos termos a partir de línguas africanas ou dos povos originários. Ravignet considera sua prática artística construída a partir de suas experiências e principalmente aquelas vividas nos movimentos sociais.

Luana Vitra, formada pela Escola Guignard (UEMG), dançarina e performer. Cresceu em Contagem, cidade industrial que fez seu corpo experimentar o ferro e a fuligem. “Se movimenta como reza em busca da sobrevivência e da cura das paisagens que habita. Entende o próprio corpo como armadilha, e sua ação como micropolítica na lida com a materialidade e espacialidade que seu trabalho evoca, confronta e confunde.” (VITRA, 2022) As reflexões sobre si, apresentadas pela artista no texto do site, partem da vivência com o ferro, diz aprender com o ferro as vivências de seu corpo e do corpo do ferro. A artista expressa um desejo de transmutar reinos, sair do reino animal e habitar o reino mineral, observa e deseja uma paciência percebida nas pedras.

Ruth Albernaz, artista e bióloga de origem cabocla, com pesquisa e produção artística voltadas para as conexões entre ser humano/natureza, xamanismo, benzeções, cura/cuidar, saberes ancestrais e conservação da sociobiodiversidade. Produz pinturas, objetos, instalações e ilustrações. Recria espaços de benzedeadas para instalar processos de autocuidados.

O que há em comum além da palavra cura em seus discursos e práticas é que essas artistas se voltam para as questões urgentes da sociedade contemporânea e buscam em suas poéticas formas de existências possíveis, de uma estética da existência a partir de uma verdade de seu Ser sujeito. São pessoas atravessadas pelos lugares que habitam, por experiências que transformam suas vidas.

*A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (BONDÍA, 2002)*

Esse pensamento de Jorge Larossa Bondía faz sobressair e corrobora com as falas das artistas no sentido que suas produção artística tem como ponto de partida suas inquietações, incômodos no mundo. são desafiadas a agirem, criam situações para si, como Castiel na obra

“Corpo Flor”, e para os outros como “Quarto de cura”, no qual a artista convida pessoas a conviver em um espaço habitado por plantas, símbolos da macumbaria. Ou Ruth Albernaz que cria a instalação Casa cuidar-2018, que recria a casa de uma benzedeira, procurando instalar naquele lugar o processo de autocuidado. A experiência que nos atravessa de que fala Bondía (2002) nos remete a Michel Foucault, ao analisar a proposição délfica: Conhece-te a ti mesmo, investiga as técnicas de si na Grécia antiga, os cuidados de si. Encontra um sujeito de verdade e não da verdade. Essa verdade é aquilo que transforma o sujeito em sua historicidade prática, no sentido de uma experiência. Foucault realiza uma análise do sujeito não dissociado da história de suas práticas de transformação. A verdade é aquilo que o coloca em jogo, o interroga e o transforma, apenas aqueles que cuidam de si, são atravessados por experiências por que estão atentos aos seus movimentos internos. Esse jogo de entendimento e cuidado de si, parece-nos ser o eixo fundante da prática poética das artistas.

A proposição da arte como cura surge na década 1960, quando os artistas estão provocando uma virada na arte. Mergulhados em um contexto de novas tecnologias, novas questões e principalmente a emergência de movimentos como o feminismo, ecológicos e a contracultura. além de ditaduras políticas, caso da América Latina, e uma certa exaustão do sistema de arte, questionam a racionalização da arte geométrica, o sistema de arte e sua metáfora o cubo branco. Vários artistas vão problematizar os três componentes de toda comunicação artística: o artista, a obra ou objeto e o espectador. Questionando a relação desses três termos da equação estética, colocava em xeque as identidades do autor, do objeto e do espectador. São práticas artísticas consideradas experimentais que a partir dos anos 1960 mudam o regime da obra de arte. Desestabilizar o estabelecido era o desejo desses artistas.

No Brasil, Lygia Clark e Hélio Oiticica são artistas que estão na formulação dessas novas práticas. Oiticica com sua nova objetividade, focado na questão da participação do espectador e Lygia Clark, dá um giro e realiza o que Suely Rolnik (2006) vai chamar de passagem de uma arquitetura concebida como corpo e chega ao corpo como arquitetura, lugar de experiência singular. A artista realiza experimentações em seu existir. Pois vida e arte nunca estão separadas. Tornar-se uma “propositora” de condições para que os outros atinjam o singular estado da arte. Suely Rolnik, criadora do *Arquivo para uma obra-acontecimento*, no qual realizou 65 entrevistas com pessoas que viveram as proposições de Lygia Clark no Brasil, na França, na Inglaterra e EUA.



No artigo *Arte Cura?* Aponta a arte como campo privilegiado do enfrentamento do trágico, entendido pela curadora, a partir de Clarck, como o entrelaçamento da vida e da morte que, dependendo de o quanto se consegue expor-se é possível criar critérios e “distinguir modos de subjetivação, diferentes maneiras pelas quais um sentimento de si toma consistência” (ROLNIK 2006). A arte torna-se uma reserva ecológica do enfrentamento do trágico. Para Rolnik, Lygia Clarck, não se tornou terapeuta, a artista sempre esteve na fronteira entre a clínica e a arte. A artista constrói ou destrói subjetividades através de uma certa intimidade com a vida. Na materialidade do trabalho artístico estão as marcas da experiência, a singularidade de seus encontros, de suas (des)construções. Ao receptor é dada a chance de realizar a sua maneira esse encontro. Para Rolnik, ao colocar-se na fronteira, Lygia recupera a potência da crítica ao modo de subjetivação da sociedade moderna e propõe aos outros, no caso, ao participante a serem ele mesmo, a atingirem o estado singular da arte sem arte.

Das 4 artistas escolhidas, 3 três são negras. Trazem em suas poéticas falas de cura. curar o que? a ferida colonial como diz Hariel Ravignet? Castiel afirmava ser a cura “um momento perecível de liberdade”. Quando começamos a pensar nessa afirmação, encontro a autora, em entrevista, negando, retirando essa palavra de seu universo vocabular. Dizendo que não quer assumir essa responsabilidade

*O Brasil tem uma relação de servidão com pessoas retintas. Então, quando eu me apresento como uma artista que propõe a cura, existe uma relação muito violenta de me demandar a resolução de problemas que não são meus ou me responsabilizar por adoecimentos que não me pertencem. E existe também a experiência de me colocar enquanto uma muleta mesmo, de convocar o meu nome ou a minha obra para responsabilizar uma atitude que nunca foi minha, mas da pessoa que constrói essa relação. (CASTIEL, 2022 pg. 24)*

Talvez a arte não seja capaz de promover essa cura, devido a seu caráter reduzido e acesso restrito. Talvez a arte seja o espaço onde uma certa experiência acontece, pois os artistas com suas sensibilidades e coragens possam criar técnicas de si, conhecer a si, cuidar de si formulando uma estética da existência que possibilita perceber a verdade de si. Criar um espaço onde possamos acreditar que existe uma possibilidade não de aprendizagem, mas uma possibilidade de conhecer o ser a si e perceber seus modos singulares de ser e estar no mundo.

## Referência

ALBERNAZ, Ruth. *Ruth Albernaz*. Pipa, Prêmio Prize: a janela para a arte contemporânea brasileira, 2022. Disponível em <https://www.premiopipa.com/ruth-albernaz/>. Acesso em 19/09/2022.

BRASILEIRO, Castiel Vitorino; CABRAL, Hellen Alves; CONCEIÇÃO, Rosemeri; FLORES, Livia; HOLANDA, Paulo; MARQUES, Luisa; OLIVEIRA, Dinah de; ROCHA, Napê; SILVA, Diambe da; SOLEDAR, Jorge. *Existem chuvas que não conhecemos: entrevista com Castiel Vitorino Brasileiro*. Arte & Ensaios, Rio de Janeiro, PPGAV- UFRJ, v. 28 n. 43, p. 15-46, jan.-jun. 2022. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n43.2>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>. Acesso em 08/12/2022.

\_\_\_\_\_Castiel Vitorino Brasileiro. Pipa, Prêmio Prize: a janela para a arte contemporânea brasileira, 2021. Disponível em <https://www.premiopipa.com/castiel-vitorino-brasileiro/>. Acesso em 18/09/2022.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)* tradução Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 3a edição Ed.Martins Fontes, 2022, São Paulo.

BONDÍA, Jorge Larossa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Tradução de João Wanderlei Geraldi. Revista Brasileira de Educação. ANPED, Volume 19, abr, 2002 Disponível em <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em 08/12/2022.

OSORIO, Luiz Camillo. *O PIPA e a cena artística nesse começo do século XXI: Histórias e desafios* In Instituto Pipa-os primeiros dez anos=PIPA Institute - The first ten years/organização: Lucrécia Vinhaes e Luiz Camillo Osorio; tradução Chris Burden. - Rio de Janeiro: Instituto Pipa, 2019, Rio de Janeiro. 276 páginas.: il. color.;25cm. ISBN 978-65-80685-00-4.

MENEZES, Hélio. *Castiel Vitorino Brasileiro: Maria Padilha das Estradas*. in PRÊMIO, Pipa. / Instituto Pipa; tradução Rebecca Atkinson, Joseph John e verônica Reis.- Rio de Janeiro: Instituto Pipa, 2021.

RAVIGNET, Hariel. *Hariel Ravignet*. Pipa, Prêmio Prize: a janela para a arte contemporânea brasileira, 2021. Disponível em <https://www.premiopipa.com/hariel-ravignet/> . Acesso em 20/09/2022VITR.

ROLNIK, Suely, *A arte cura? Quaderns portàtils*. 2006. Disponível em: [www.macba.es](http://www.macba.es). (<https://www.macba.cat/en/learn-explore/publications/arte-cura>) Acesso em 11/11/2019.

THORNTON, Sarah. *Sete dias no mundo da arte: Bastidores, tramas, e intrigas de um mercado milionário*: tradução de Alexandre Martins. Rio de Janeiro: Ed. Agir, 2010.

VINHAES, Roberto. *Por que e como?* In Instituto Pipa-os primeiros dez anos=PIPA Institute - The first ten years/organização: Lucrécia Vinhaes e Luiz Camillo Osorio; tradução Chris Burden. - Rio de Janeiro: Instituto Pipa, 2019, Rio de Janeiro. 276 páginas.: il. color.;25cm. ISBN 978-65-80685-00-4.

VITRA, Luana. *Luana Vitra*. Pipa, Prêmio Prize: a janela para a arte contemporânea brasileira, 2022. Disponível em <https://www.premiopipa.com/luana-vitra/>. Acesso 19/09/2022